

HYDREA E NEOPLASIA EM PACIENTES FALCIFORME

FP Bernardes, FC Almeida, GAA Andrade, BF Mesquita, EL Silveira, MP Freitas, PHDS Klinger

Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

Objetivos: Hidroxiuréia é amplamente utilizado no tratamento de pacientes com anemia falciforme, o desenvolvimento de tumor secundário ao uso é mencionado como um dos efeitos colaterais. Dessa forma, o presente trabalho teve por objetivo realizar o levantamento de artigos que apontam para essa problemática. **Material e métodos:** A pergunta norteadora foi: “o uso de hidroxiuréia pode induzir carcinogênese?”. Os termos utilizados na pesquisa foram hydroxyurea, second malignancy e hydroxyurea-induced neoplasm. Foram consultadas a base de dados MEDLINE PubMed e os artigos selecionados tiveram como critério de inclusão: artigos completos, realizados em humanos, publicados em língua inglesa, entre os anos de 2016 e 2021. Foram excluídos artigos que não associaram o desenvolvimento de neoplasia com o uso de hidroxiuréia. **Resultados:** Apesar da hidroxiuréia (H.U) ser de fácil uso e acesso e amplamente utilizado no tratamento de pacientes com anemia falciforme, não se sabe se o uso prolongado leva ao desenvolvimento de tumor. Ouassime Kerdoud e colaboradores (2021), por exemplo, publicaram um relato de caso de uma paciente em tratamento de trombocitopenia essencial com H.U e o consequente desenvolvimento de carcinoma de pele de células escamosas. Os autores ainda afirmam que existem diversos relatos de casos na literatura sobre o uso prolongado de H.U, mas que ainda não existe nenhum grande estudo sobre a temática. Outros autores também relataram HU como potencial carcinogênico. Yan Xu e Jian Liu (2019) descreveram uma paciente de 67 anos em tratamento de mielofibrose primária que desenvolveu lesões de pele concomitantemente com o tratamento de HU. Algumas das lesões desapareceram com a retirada da medicação, mas, a seguir, foi diagnosticada com carcinoma de pele de células escamosas em uma lesão remanescente em membro inferior. Os autores sugerem que esse é um processo cumulativo que persiste mesmo após a retirada do medicamento e que é um evento raro. Hilary Brown e Edwina Lamrock relataram o caso de uma paciente de 84 anos com trombocitopenia essencial tratada com 500 mg de HU por 18 anos que desenvolveu diversas lesões de pele em áreas expostas a radiação UV sendo posteriormente diagnosticada com carcinoma de pele de células escamosas. **Discussão:** Tem sido discutido em relação ao uso de hidroxiuréia no tratamento de pacientes com anemia falciforme e os possíveis efeitos carcinogênicos da droga. O presente trabalho reforçou a necessidade de mais estudos, particularmente em pacientes com uso prolongado e altas doses da droga. Além disso, a necessidade de estudos do mecanismo e fisiopatologia. A radiação UV é o maior fator de risco para o desenvolvimento de câncer de pele. Estudos in vitro mostraram que a HU é capaz de inibir o reparo do DNA em células expostas a radiação UV podendo ser uma das causas do seu efeito carcinogênico. Ainda, estudos in vivo demonstraram que a hidroxiuréia era capaz de induzir estresse



oxidativo que, associado com o dano da radiação UV, alterava a sinalização celular promovendo proliferação celular exacerbada. **Conclusão:** Portanto, diante dos resultados encontrados, conclui-se que a necessidade de estudos nesta área assim como o questionamento da manutenção desta modalidade de tratamento em tempos de terapia genica e transplante de medula óssea.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.833>

LEUCEMIA DE CÉLULAS PILOSAS EM PACIENTE JOVEM: RELATO DE CASO

VL Dambros^a, LF Muraro^a, B Strauss^a, CM Crippa^a, JB Scholles^a, JPM Malgarin^a, DS Barreto^a, EA Coser^a, ACC D'almeida^a, JWO Romanov^b

^a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil

^b Hospital Mãe de Deus, Porto Alegre, RS, Brasil

Introdução: A leucemia de células pilosas ou tricoleucemia é uma patologia predominante no sexo masculino, ela afeta, em sua maioria, pessoas brancas com cerca de 50 anos, no entanto, em casos raros pode afetar pessoas com até 35 anos. Essas células B imaturas possuem prolongações citoplasmáticas irregulares que parecem pêlos, por isso são chamadas de células cabeludas. Entre os sintomas estão a anemia, trombocitopenia, neutropenia e monocitopenia. Pode existir queixa de desconforto no hipocôndrio esquerdo por conta da esplenomegalia. A sobrevida de pacientes com tricoleucemia é de 95% em 5 anos e a maioria dos pacientes entram em segunda remissão com retratamento. **Relato de caso:** A.L.D. homem, 41 anos de idade, empresário na área de TI, procedente de Estância Velha, Rio Grande do Sul. Em novembro de 2020, exames de rotina mostraram plaquetopenia (120 mil/mm³). Foi encaminhado ao hematologista, por ter histórico de anemia auto imune aos 16 anos por uso de corticosteróides. Procurou atendimento em janeiro de 2021, referindo astenia fora do habitual, sem outros sintomas. Ao exame físico não apresentava adenopatias palpáveis, membros inferiores com boa perfusão e sem edema, abdome com RHA pós palpação, ausculta pulmonar e cardíaca normais. Sorologias virais, achados reumatológicos e doenças metabólicas negativas. A tomografia revelou esplenomegalia, com baço medindo 18 cm, demais estruturas normais. O hemograma revelou hipocelularidade de granulócitos como leucócitos (3.100 mm³) e neutrófilos (920 mm³) e plaquetopenia com 93 mil/mm³, série vermelha sem alterações. Foi visualizada uma queda persistente de plaquetas e, com isso, realizou-se um medulograma, imunofenotipagem, cariótipo, anatomopatológico e imunohistoquímico em março de 2021, compatíveis para tricoleucemia. Seguiu em acompanhamento, até apresentar 54 mil/mm³ plaquetas. Optou-se pelo tratamento ambulatorial, iniciado em julho de 2021, com claribina 0,14 mg/kg/dia injetável em duas horas, durante cinco dias. Chegou a 43 mil/mm³ plaquetas, necessitando de transfusão de 6 unidades de plaquetas e, no terceiro dia do ciclo, já apresentava 48 mil/mm³ plaquetas. **Discussão:** A tricoleucemia é



uma patologia linfoproliferativa de células B, que representa cerca de 2% das leucemias, sendo uma doença de difícil detecção, visto que os pacientes geralmente são assintomáticos. Apesar de não ter causa definida, sugere-se como fator de risco a exposição a produtos químicos e a infecção por alguns vírus. A pancitopenia observada nesse caso é um achado bastante comum nos quadros dessa leucemia, juntamente com a esplenomegalia. Inicialmente, é solicitado um hemograma, que mostra uma hipocelularidade da série megacariocítica e granulocítica, podendo ou não haver alterações na série vermelha, como é evidenciado no relato de caso apresentado. Nesse caso, quando os glóbulos vermelhos se mantêm dentro dos valores normais, caracteriza uma anemia normocrômica e normocítica.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.834>

LEUCEMIA MIELOÍDE AGUDA COM ACOMETIMENTO EXTRAMEDULAR

AVC Paiva, LA Soares, MB Bottrel, TSC Moraes, MCC Reginato, YP Alves, DE Silva, FS Camargo, MPS Souza

Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS), Pouso Alegre, MG, Brasil

Introdução: De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA) para cada ano, entre 2020 e 2022, são diagnosticados 10.810 novos casos de leucemias no Brasil. A leucemia mieloide aguda é um dos tipos mais comuns de leucemia em adultos, mas mesmo assim é bem rara. A leucemia mieloide aguda (LMA) é uma doença caracterizada pela expansão clonal, heterogênea e progressiva, com proliferação anormal de células progenitoras da linhagem mieloide, associada à perda da capacidade de diferenciação, ocasionando produção insuficiente de células sanguíneas maduras normais, com consequente substituição do tecido normal. Acomete frequentemente idosos acima de 60 anos de idade e é rara em menores de 45 anos, representando cerca de 15% a 20% das leucemias agudas na infância e 80% nos adultos. A doença também pode ser manifestar com formas extramedulares, onde células leucêmicas saem da medula e se infiltram em outros tecidos, como a pele, gânglios e sistema nervoso, levando a um aumento da gravidade. **Relato de caso:** Paciente, 14 anos, masculino, foi diagnosticado com LMA com acometimento extramedular. Iniciou quadro com mialgia intensa em MMII, progredindo com paraparesia, sensibilidade tátil, térmica e dolorosa preservadas, além de retenção urinária, conferindo uma mielite torácica. RM de coluna evidenciou lesões expansivas extramedulares e extradurais desde o nível T3 até o nível T9. Hemograma apresentava anemia (Hb 9,9g/dl), leucócitos totais 26.700, segmentados 500, linfócitos 3200, blastos 76% e plaquetas 120.000. Realizado estudo de medula óssea que diagnosticou a leucemia mieloide aguda. O cariótipo era 45, X, -Y, t (8:21) (q22;q22), 9qh+c [18], 9qh+c [2]. Paciente realizou radioterapia em região de coluna torácica e quimioterapia de indução “3+7” com remissão completa e DRM negativa. Sem doadores compatíveis na família, foi inscrito no REREME e seguiu com consolidação com ARA-C



altas doses. Após o 4º ciclo de consolidação, paciente evoluiu com neutropenia febril secundária e pneumonia por COVID-19. Ficou internado por mais de 30 dias na UTI com piora do status performance e dificuldade de seguir tratamento da leucemia pela complicação clínica, apresentando recidiva da doença extra e intra-medular, evoluindo para óbito. **Discussão:** Neste caso o paciente abriu o quadro clínico com sintomas neurológicos sugestivos de mielite de causa desconhecida, após realização de RNM foi identificado lesão expansiva comprimido coluna torácica. Assim, feito o diagnóstico de LMA com acometimento extramedular pelo hemograma e estudo de medula óssea. LMA com sarcoma granulocítico é uma doença de pior prognóstico, com necessidade de tratamento intensivo e transplante de medula óssea alogênico. Nosso paciente acabou recidivando a doença antes do transplante devido complicação infecciosa por neutropenia febril secundária a pneumonia viral (COVID), evoluindo para óbito.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.835>

LIGA ACADÊMICA DE HEMATOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ: USO DE REDES SOCIAIS

BSL Wan-Dall, MD Marquetti, GA Moreira, JS Lima, VAM Funke

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil



Introdução: A Liga de Hematologia da Universidade Federal do Paraná (LaHem UFPR) surgiu no início de 2018 e é composta por estudantes de Medicina com interesse em aprofundar os conhecimentos de hematologia. Com a pandemia do coronavírus e a suspensão das atividades presenciais, a LaHem passou por um processo de adaptação e reinvenção para manter suas atividades de extensão com a comunidade. **Objetivos:** Relatar os desafios experienciados pela pandemia e o uso de redes sociais para promoção de atividades com a comunidade por uma Liga Acadêmica de Hematologia. **Métodos:** A LaHem conta com a realização de um curso introdutório anual para ingresso na liga, por meio de uma prova abordando diversos temas da hematologia. Com a pandemia do coronavírus, já ocorreram dois processos seletivos, com adaptação da dinâmica das atividades a fim de manter os pilares ensino-pesquisa-extensão. Neste relato de experiência, contamos as ações desempenhadas no meio digital dos alunos para a comunidade. **Resultados:** A LaHem UFPR teve suas atividades presenciais suspensas devido a pandemia de coronavírus. Foi necessária uma adaptação da interação com a comunidade para promoção do conhecimento hematológico ao público. A ideia de promover publicações em redes sociais semanalmente com conteúdos relacionados à hematologia surgiu com o intuito de trazer de maneira lúdica o acesso à especialidade. Os assuntos abordados nas palestras virtuais da liga foram resumidos pelos ligantes em forma de posts, reels e quiz abordando desde hematologia maligna, como leucemias, linfomas, mieloma, até hematologia benigna, como hemoflias e púrpuras, bem como, conceitos base de hemograma,